

COMUNICAÇÕES

Culpa e responsabilidade em Nietzsche

Flávio Augusto Senra Ribeiro*

A COMUNICAÇÃO DESTE ESTUDO que apresentamos aos membros do Núcleo de Estudos em Filosofia da Religião (NEFIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 7 de março de 2005, e que está sendo publicada na revista **Horizonte** (Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas), relata uma investigação que começou quando, no final do ano de 1996, iniciamos a leitura da obra de Nietzsche – **A genealogia da moral** –, um escrito polêmico, em preparação à elaboração de um trabalho de investigação sobre “A crítica ao cristianismo como religião ascética à luz da Genealogia da moral de Nietzsche”, movidos pela experiência do jesuíta francês Pe. Paul Valadier, ainda hoje, grande pesquisador da filosofia nietzscheana e seus desafios, horizontes e limites para a tradição cristã. O resultado dessa leitura meditante resultou em nossa dissertação de mestrado no Departamento de Ciência da Religião da mesma universidade. Inicialmente, o trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Luiz Bernardo Leite Araújo, logo pelo Prof. Dr. Paulo Afonso Araújo e, em sua etapa final e conclusiva, pelo Prof. Dr. Luís Henrique Dreher. A dissertação foi submetida à banca em 28/12/1998, tendo como avaliadores, além do orientador, os Profs. Dr. Eduardo Gross e Dr. Olinto Pegoraro.

Um ano mais tarde, ingressávamos no doutorado em Filosofia da Universidad Complutense de Madrid com bolsa cedida pelo Programa de Capacitação docente da PUC Minas. Nesse processo de doutoramento, sob a tutela acadêmica do Prof. Dr. Juan Manuel Navarro Cordón, Catedrático de Metafísica e De-

* Prof. Flávio Senra. Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid, 2004. Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, 1998. Professor no Departamento de Filosofia e Teologia da PUC Minas (1996-), Professor de Filosofia no CES/ISI (2005), Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas (2005).

cano da Faculdade de Filosofia, foi possível seguir nesta linha de investigação, valendo-me da referida obra de Nietzsche. O primeiro trabalho, a *tesina*, apresentada em setembro de 2001, abordou o tema “Culpa y responsabilidad en la Genealogía de la Moral de Nietzsche”.

No processo de preparação da redação da tese, procedemos à releitura crítica de outras significativas obras do filósofo, além da pesquisa de vários textos póstumos com os quais ainda não havíamos tido contato, além da releitura dos mais notáveis comentaristas, sempre sob a orientação do Dr. Navarro Cordón, quem, na Espanha, hoje em dia, está entre os mais destacados filósofos, sendo uma referência nos estudos sobre Kant, Hegel, Nietzsche e Heidegger. Por citar um de seus temas de interesse, destacaríamos, com muita precisão, sua investigação e reflexão sobre o tema da *liberdade*. Entre suas publicações, a que mais influenciou nossa meditação (*Besinnung*) sobre Nietzsche, destacaria o texto: “Nietzsche: de la libertad del mundo”,¹ com base no qual pudemos refletir sobre muitos elementos para se chegar à arquitetura de tese intitulada: “Culpa y responsabilidad en Nietzsche”. A presença e participação em suas aulas e seminários foram criando e aperfeiçoando um modo de leitura e atenção ao texto filosófico que marcou profundamente um giro em nossa investigação e que segue como um cotidiano exercício ao que ainda temos de prosseguir aperfeiçoando.

Com este breve intróito, rendemos nossa mais sincera gratidão aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF e ao Dr. Juan Manuel Navarro Cordón.

A TESE

“Culpa y responsabilidad” é um estudo centrado nos textos mesmos de Nietzsche. O tema tem seu foco na obra que, desde o princípio de nossa leitura do filósofo, foi tida como a perspectiva com base na qual buscamos compreender sua filosofia. A centralidade que essa obra tem para nosso estudo não diminui, de nenhuma forma, a importância que pode ter os demais escritos do filósofo. Ademais, compreendemos que esse texto seja o acabamento e a explicitação do projeto filosófico de Nietzsche, desenvolvido em suas anteriores obras, como, por exemplo e fundamentalmente, **Assim falou Zaratustra** e **Além do bem e**

¹ NAVARRO CORDÓN, J. M., Nietzsche: de la libertad del mundo. In: **Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía**, 23. Edición de José Luis Villacañas Berlaga, “La filosofía del siglo XIX”. Madrid: Editorial Trotta – CSIC, 2001.

do mal. A Genealogia é, para nós, enquanto buscamos compreender o tema ao que nos dedicamos, a perspectiva pela qual lemos Nietzsche e organizamos seu pensamento na direção de nossos objetivos.

Partindo da **Genealogia da moral**, porém não exclusivamente nela, procuramos refletir com Nietzsche no que a seu método se refere. A investigação genealógica incide sobre o que, em linguagem corrente, se mantém oculto, as referências, forças e interesses em jogo – a atividade própria da filosofia enquanto “atrever-se a questionar ao máximo a verdade das próprias pressuposições (Voraussetzungen) e o âmbito dos próprios fins”.² Nesse método de leitura da história é que Nietzsche encontra o caminho que percorreu a humanidade ocidental na formação de suas tábuas de valores e sua metafísica segundo o modelo ascético-sacerdotal.

Investigando as sociedades primitivas nas quais a consciência vai sendo formada baseando-se na moralidade dos costumes, o que foi possível destacar demonstra que a consciência, em suas “origens”, não foi querida como uma fonte a partir da interioridade das ações humanas. Ao contrário, foi pela necessidade de criar-se um animal regular e racional, em acordo com os interesses e a vontade de poder da comunidade, que se foram gerando e cultivando hábitos e costumes aos que se deveriam ter em conta para gozar dos benefícios da vida em comunidade – fundamentalmente a proteção. Nesse sentido, e por marcar a diferença ao que se converteu, no futuro desse processo, a consciência, este estudo se iniciou com um capítulo sobre este tema, analisando-o da perspectiva e do horizonte da investigação genealógica nietzscheana, seguido de um extenso capítulo sobre as características dessa originária comunidade da moralidade dos costumes. Nisso tivemos ocasião de apresentar como o filósofo compreende a formação da memória e o papel do esquecimento, tendo, em ambos os casos, a crueldade como elemento formador.

Esta primeira parte conclui com o objetivo dessa moralidade forte, na qual se busca configurar um animal soberano ao que seja lícito fazer promessas, um animal obediente como seu fruto maduro, porém, um animal que pode prescindir do controle externo, porque já tem garantidos em si mesmo os princípios necessários para a construção da sociabilidade. O animal soberano é “um indivíduo igual tão somente a si mesmo”, “liberado da

² HEIDEGGER, M. “Die Zeit des Weltbildes”. In: **Holzweg, Frankfurt am Main:** V. Klostermann, 1972, p. 69.

eticidade dos costumes”, “autônomo”, “homem da duradoura vontade própria”, “independente”, “uma autêntica consciência de poder e liberdade”, “um sentimento de plenitude de homem enquanto tal” – todas características que se podem encontrar na segunda dissertação daquele escrito. O que tomamos como hipótese é que nesse modelo configurador original encontram-se os elementos do que Nietzsche vai caracterizar como o homem que ainda está por criar (cultivar) e que, portanto, segue como uma promessa. O modelo de culpa e o modo de fazer-se responsável da moralidade dos costumes nada têm a ver com o caráter enfermo que se atribuiu, em seu desenvolvimento posterior, aos conceitos de culpa e responsabilidade.

O homem da moralidade dos costumes, segundo a investigação genealógica desenvolvida na obra em questão, desconhece o caráter ascético que o ressentimento cria pela sua impotência e vontade de negação. Assim sendo, desconhece, portanto, a negação do mundo presente nas dicotomias metafísicas que tiveram lugar à medida que a humanidade prosperava no *avanço* e *progresso* da *civilização* e da *cultura*. O caráter fundamentalmente guerreiro e cruel do modelo educativo da moralidade dos costumes não deixa indiferentes os impotentes para suportar esse peculiar modo de configurar, ser e estar no mundo.

Assim que, pela sua debilidade, essa classe de excluídos do modelo formador dessas sociedades primitivas pôde organizar-se gregariamente numa nova valoração que pudesse transvalorar o modelo vigente. Esse aspecto é, na consideração da filosofia nietzscheana, o mais fundamental que ocorreu na história da humanidade. A revolta dos fracos na moral marcou, *de modo irreparável*, a história do Ocidente, ou seja, sua moral, sua filosofia, sua cultura e sua religião. Tudo fora transformado pelo novo modelo. Os sentimentos e as forças criativas sendo interiorizados favoreceram a criação de um conjunto de crenças que conformaram o homem como sujeito, causa, fim e sentido, compreendidos esses termos em seu campo metafísico próprio. Não apenas o homem, senão também o sentido do mundo sofreu tal mudança. De lugar de criação em que se joga a vida, o mundo e o homem foram transformados em algo carente de sentido. A moral da debilidade, termo que consideramos apropriado para compreender ao que Nietzsche chama de moral dos fracos ou dos escravos, criou uma quantidade de ídolos, os *transmundos* ou *ideais*, o que, em linguagem metafísica, equivale a dizer do

conceito de *ser, verdade* e, em último sentido, *Deus* – este último como a culminação de um projeto moral e metafísico ascético.

Valendo-se desse modo de criação ascética, obra do ressentimento e da debilidade, segundo o filósofo, toda realidade mundana esteve condenada à carência de valor e sentido. O modelo de pensamento da alma ressentida que vê no outro um culpado pela sua desgraça e sofrimento, erige o raciocínio em termos de *causa e efeito*. Quando essa causa se interioriza, pode-se conceber o acabamento da estrutura de culpabilidade, em que o homem, em sua interioridade, experimenta-se como um animal culpado.

Nesse caminho, o Ocidente conheceu correntes religiosas que souberam fazer-se com esse cenário de negação e dor e souberam agregar e confirmar a essa massa de sofredores um sentido – afirmara Nietzsche. Esse modelo, centrado no *modelo sacerdotal ascético*, encontra aí o grande formador da consciência do Ocidente. O sacerdote, claro está, além de representar o conhecido personagem da religião, apresenta-se travestido no filósofo ou no científico, ou seja, o sacerdote representa, na filosofia nietzscheana, a todo aquele que oferece uma lei, que impõe valores ou fixa um fim e sentido à vida.

No modelo ascético, seu atuar é um interpretar com base nessa racionalidade; o sentido do sofrimento seguindo o modelo culpa-dívida-castigo-negação. O modelo da religião cristã, na perspectiva e no olhar de Nietzsche, faz-se presente e acorde ao universo de valores daquela massa de insatisfeitos com os modelos aristocráticos das sociedades primitivas ou até em outros momentos, como foi a cultura imperial de Roma. Tomado em seu sentido mais amplo, a cultura sacerdotal presente na religião, como na filosofia ou na ciência, aclara, de modo inequívoco, que o debate e a crítica de Nietzsche ao cristianismo têm um sentido muito mais amplo que propriamente uma crítica anticlerical. Em seu momento, identificamos essa negação última como *ateísmo incompleto*. A cultura e a filosofia de seu tempo são as variantes da possibilidade de negação teórica do cristianismo. Nietzsche pôde entrever na cultura de seu tempo os aspectos de um modelo, o modelo sacerdotal ascético que conforma o mundo, a vida e o homem, baseando-se no modo de valoração de uma humanidade desde muito tempo incapacitada para valorar o mundo tal como ele é: no caótico, na luta de poder, na batalha. Em especial, esse imoralista faz a crítica mais

radical e profunda que se pode fazer um *ateísmo rigoroso*: trans-valorar os valores existentes até o momento, desdivinizando o mundo, a vida e o homem. Sua tarefa tem a ver, fundamentalmente, com a liberação da culpa-interiorizada, tomando-se em conta que foi valendo-se da estrutura de culpabilidade que o sacerdote ascético edificou sua valoração acerca do mundo e da liberdade.

O que identificamos como a estrutura de culpabilidade está desenvolvida na primeira seção da tese. Seu objetivo cumpre com a tarefa de reconhecer o caminho genealógico apresentado por Nietzsche até o ápice do sentimento de culpabilidade que foi fomentado pela tradição cristã, num certo discurso acerca da morte e do pecado. Ainda que tenhamos claro que o cristianismo, na perspectiva nietzscheana, esteja condenado pela visão parcial e perspectivista do filósofo e alimentada por seus preconceitos – o que contradiz sua agudeza intelectual –, preferimos não tomar o caminho que nos conduziria à crítica da crítica. Essa postura não serve de condenação, uma vez que, por outros meios de investigação e compreensão da tradição cristã, por intermédio da pesquisa e da experiência vivida, sabemos que nem todo cristianismo é fruto ou meio do modelo sacerdotal ascético. Contudo, a crítica do filósofo em muito nos serve para destacar aqueles aspectos negativos e patológicos que somos convocados a refletir e a curar no seio dessa tradição em sua humanidade e historicidade. Portanto, e para atender a essa busca da verdade, assumimos o projeto de levar, até o final, o sentido e o significado dessa crítica, naquilo em que essa pôde conduzir a determinada conformação da metafísica-moral-religião ocidental – identificada por Nietzsche, sem mais, como cristianismo. Os verdadeiros alvos de sua crítica estão manifestados todos na singularidade de um termo.

Nesse sentido, culpa está na origem de nosso modo de ser e valorar o mundo com base no mesmíssimo mito com o que compreendemos nossa civilização, se tomamos em consideração os textos das escrituras religiosas nos quais fomos educados. Igualmente se faz presente nos discursos filosóficos de nossa tradição que, ademais de judaico-cristã, também o é grega. A interpretação da filosofia grega que chegou até nós e que marcou o modo de pensar do Ocidente está assinalada por uma interpretação, em geral, dualista (embora o fato de que tenha sido divulgada e conhecida assim não queira dizer que o seja). De

um lado, temos concebido o homem como portador de um livre-arbítrio para o que sua liberdade e vontade estão orientadas a levá-lo a conceber-se como animal responsável. Dele é a culpa por tudo o que faz no mundo. De outro lado, o dualismo metafísico, animado por certas interpretações da filosofia grega, ensinou que o mundo não é uma realidade digna de valor, e que há um mundo verdadeiro no qual reside a verdade e o bem.

Fazendo eco a milenárias tradições orientais, pela mão da filosofia grega, aprendemos a viver o mundo segundo a suspeita do sem sentido e da ausência de valor. Judeus e gregos celebram seu enlace sob o nome de uma tradição a qual conhecemos como cristianismo. Em seu interior, foi possível a assimilação de incontáveis interesses e tendências com base nas quais se conformou o que conhecemos como nossa cultura ocidental.

Impulsado por uma determinada concepção de pecado, a responsabilidade do homem frente a Deus e aos demais homens (moral) e a negação do mundo como realidade transitória, aparente e enganosa (metafísica), foi possível transformar, a partir do conceito de culpa, toda a moralidade e a metafísica ao ponto de chegar a confundir-se ambas esferas em um mesmo projeto de negação de mundo e liberdade.

Essa presença da culpa na valoração metafísica-moral ascética está desenvolvida na segunda seção da tese. Pensada como tarefa e meta de libertação da culpa, as duas partes que compõem esta seção tratam negativamente tal presença na medida em que proclamam a liberação de determinada concepção do mundo, da vida e do homem. *A morte de Deus é pensada como liberação daquela valoração fundada no ascetismo* que tem na culpa o modelo no qual se criaram os conceitos de causalidade e liberdade da vontade. O fio condutor da reflexão foi “O Crepúsculo dos Ídolos”, um título com o qual parodiamos o sentido da morte de Deus. Se compreendemos a morte de Deus como esse crepúsculo foi porque como ídolo compreendemos esse conjunto de criações humanas, demasiado humanas da vontade ascética que não deixa de ser uma vontade de poder. Tal conjunto de conceitos divinizados (idolatrados) é o que chega a dizer de uma causa, um ser, uma verdade, um Deus como o fundamento do que é segundo o modelo ascético. Fundamentada na velha crença de que para uma causa corresponde um efeito, uma falta, um castigo, um mundo estático foi criado como causa do que é nosso mundo. Baseando-se no ponto de vista do homem, a consci-

ência, a vontade ou o eu cumprem com a mesma função. Até se poderia dizer que, com base nessa crença originária, ainda que falsa, o homem criou a noção de ser o ente na hora de conceber o mundo. Em resumo: incapacitada de pensar a contradição e o movimento, a cultura ascética nomeia com as palavras mais belas o conto de fadas de sua *imago mundi*.

Por isso, os dois últimos capítulos da tese foram dedicados à inacabada doutrina, não sempre bem compreendida, sobre a vontade de poder e do eterno retorno. Mudar o sentido com o que se compreende a vida, o homem e o mundo, a totalidade do vivente, é a tarefa e a meta com que essa filosofia se compromete a combater os ideais ascéticos e seu modelo fundado na culpabilidade. A *vida* passa a ser concebida em sua verdadeira constituição: *vontade de poder*. Contudo, essa constituição interna, o que conforma sua unidade e poder tem movimento constante, porque quer seu acrescentamento. Por seu caráter de querer sempre seu “sobrepasseamento”, o vivente precisa estar em constante devenir. Por um lado, vontade de poder e eterno retorno confirmam um novo modo de conceber o mundo; contudo, no plano moral, configuram um novo imperativo para o que é preciso um novo amor a si mesmo e ao mundo. Esse profundo amor tem que ser capaz, a começar pela compreensão da vontade de poder, de mais superação que de conservação (este último um valor propriamente ascético), e, por sua vez, valendo-se da compreensão do eterno retorno, tem que ser um amor capaz de querer o que é uma eternidade de vezes, ou seja, querer eternamente. A repetição, porém, não quer dizer a repetição do mesmo fático, senão do mesmo que é o que conforma o mundo, o devenir e a luta das forças em constante embate pelo poder. Querer o mesmo é querer estar sempre nessa dinâmica relacional no qual, mais que guardar e conservar, tem o homem que ser criador. O mesmo que quer o eterno retorno é a vontade de poder.

Que humanidade pode suportar essa nova tábua de valores? Sendo o “super-homem” um projeto a ser construído, preferimos deixar ao longo do estudo uma série de referências a essa promessa. São muitas as ocasiões em que nos referimos a essa possibilidade como o desenvolvimento de uma nova humanidade liberada da estrutura de culpabilidade do modelo ascético. Sua principal exposição se encontra no final da primeira seção, embora toda segunda seção respire o ar dessa expectativa de chegada do signo que foi a esperança mesma do próprio Nietzsche.

che e de sua filosofia.

Como havíamos indicado no princípio desta apresentação, esse estudo é parte de um caminho de leituras muito recentes por um lado, e de um alargamento de horizontes igualmente joviais por outro. O resultado, parcial, dessa aprendizagem é este trabalho. Constitui-se em um exercício de leitura de uma quantidade de textos de Nietzsche com os quais tivemos ocasião de trabalhar – não sem muitas limitações. Em todo caso, preferimos seguir nossa investigação sobre um filósofo à altura desse complexo e grande pensador que foi Nietzsche.

A atenção ao texto nos conduziu a dar prioridade, no momento da escritura, à exposição e ao diálogo com o pensamento do filósofo em questão. Ainda que se possa contar com um leque excepcionalmente importante de comentadores, essa investigação não quis ser nem fazer do texto um ponto de encontro das diferentes considerações sobre essa filosofia. O que possa este estudo estar em dívida com esse ou aquele comentador ou mesmo com algum outro texto de Nietzsche é uma tarefa para o futuro, como uma possibilidade de aprofundamento do que até aqui foi possível. O texto leva a marca de nossa juventude, de nossas limitações, porém também a alma de nossa mais elevada esperança e desejo de “sobrepasseamento”.

O olhar crítico que temos em relação a essa investigação conforma e provoca ao mesmo tempo. Se de um lado somos conscientes de seu caráter provisório, de seus limites e o sabemos e aceitamos como fazendo parte de um momento, de outro, há um profundo sentimento de seguir trabalhando para o aprofundamento da qualidade de leitura dos textos filosóficos e o aperfeiçoamento da escritura. Seria necessário seguir mais tempo com o texto. Contudo, a simples necessidade mesma de marcar com um ponto este momento da investigação (provisoriamente) nos obriga a apresentar tão somente aquilo que foi possível pensar até o momento. O grande e maior desafio, talvez, esteja em recolocar o cristianismo em diálogo com essa gama de seus mais críticos instigadores. Eles seguem e estão sempre aptos para repensar os fundamentos e as práticas de nossa verdade e os modos de ser e fazer de nossa vivência no mundo.

Daqui deste Instituto de Ciências Humanas e Letras, da UFJF, quero manifestar minha mais sincera gratidão a todos os que puderam contribuir para que este caminho pudesse ser trilhado. Muitos estão aqui entre os presentes, outros estão longe sem

que estejam por isso esquecidos. A todos os pesquisadores e estudantes do NEFIR meu agradecimento pela escuta atenta e por seu interesse em conhecer alguns aspectos desta pesquisa, aqueles, ao menos, que puderam, neste momento, ser apresentados. Na medida em que for possível, registrarei suas questões e procurarei responder a elas sempre nos limites do trabalho aqui apresentado.